



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A Construção do Discurso Nacionalista: Volta Redonda – da Modernidade Sólida à Líquida.¹

Beatriz Pacheco

Mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ e professora
do Centro Universitário de Barra Mansa – UBM.

Resumo

Este trabalho analisa como se instaura o discurso nacionalista na sociedade de Volta Redonda e como essa mesma sociedade se apropria dele nas relações com a sua indústria fundadora — C.S.N. (Companhia Siderúrgica Nacional) — antes, estatal; hoje, privatizada.

Na execução do projeto político de Vargas temos em Volta Redonda/CSN a expressão máxima da intervenção do Estado na construção da grande siderurgia. O trabalhador, sempre responsável pelo destino da nação, busca, de todos os meios, impedir a privatização da usina, mas acaba por se render. Do momento da privatização da usina até hoje o que vemos é fluidez. Assistimos a empresa se independer da cidade e do país. Cabe como recurso ao poder mover-se, pois nada mais é sólido e seguro. O poder é, cada vez mais, escorregadio, e o capital é, cada vez mais, global.

Palavras-chave: Volta Redonda – Modernidade - Discurso nacionalista

¹ Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



A Construção da Modernidade-mundo

Para Berman (1999)², ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.

Para o ocidente europeu, que dominou o cenário mundial, modernização não é outra coisa senão a modernidade em ação e, seu objetivo: a substituição da prática pela razão que contém a idéia de revolução. Os conflitos e as lutas, que esta concepção de modernidade considera necessários, não são conflitos sociais internos, e, sim, a confrontação da moderna sociedade com o passado, considerado aqui como os absolutismos e todas as formas de irracionalidade e estagnação. É a nação o principal agente do progresso, pois é ela que nasce da defesa dos princípios universais como a liberdade e a igualdade. A idéia de revolução é, assim, a luta contra um ancién régime por uma nação que se emancipou das formas tradicionais de poder.

Para o prof. Mohamed Elhajji (1999)³, o que difere o modelo ocidental dos outros modelos civilizacionais é sua convicção de não ser apenas um modelo cultural possível, mas o modelo cultural, o metamodelo cultural. Esta foi a grande força do “iluminismo” — a convicção no progresso do conhecimento humano, na racionalidade, na riqueza e no controle sobre a natureza.

É, então, significativo que os dois centros da ideologia do iluminismo fossem também os da dupla revolução — a francesa e a industrial — embora a Revolução Francesa é que tenha sido responsável pela internacionalização do projeto Iluminista: ou seja, libertar o indivíduo do tradicionalismo ignorante da Idade Média da superstição das igrejas, da irracionalidade que dividia os homens em uma hierarquia de patentes mais baixas e mais altas.

² BERMAN, Marshal. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

³ ELHAJJI, Mohamed. **Globalização & Convergência – Da Semiose Hegemônica Ocidental**. Tese (Doutorado em Comunicação) Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

De um lado, a Inglaterra, com sua revolução industrial, que retira o homem do campo e o “organiza” nas cidades, e desperta o apetite das ferrovias por ferro e aço, carvão, maquinaria pesada, mão-de-obra e investimentos de capital que propiciam a demanda maciça necessária para as indústrias de bens-de-capital se transformarem.

Igualmente difícil foi transformar esses homens em mão-de-obra qualificada. Todo operário tinha que aprender a trabalhar na indústria, num ritmo regular de trabalho ininterrupto, bem diferente dos altos e baixos provocados pelas estações no trabalho agrícola.

Era o capitalismo organizado: concentração, centralização e controle de empreendimentos econômicos na estrutura do estado-nação, produção em massa (princípios fordistas e tayloristas), padrão corporativo de relações industriais, concentração geográfica e espacial de indivíduos e produção em cidades industriais.

Por outro lado, a França fornece os temas da política liberal e radical-democrática, pondo fim aos velhos regimes. Coube à Revolução Francesa, disseminar o conceito e o vocabulário do nacionalismo.

“A fonte de toda a soberania”, dizia a Declaração, “reside essencialmente na nação”. A nação francesa e as outras nações que surgem a partir dela viam a si mesmas como participantes de um movimento geral dos povos contra a tirania.

É claro que a idéia de modernidade não é apenas produto do levante gêmeo, nem do que estes semearam como a revolução americana, mas é, em si, bastante revolucionária, uma revolução permanente de idéias e instituições.

A afirmação de alguns teóricos hoje de que a modernidade acabou se deve ao fato de o processo de modernização ter se expandido a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo e, à medida que se expande, se multiplica em fragmentos.

A Construção do Discurso Nacionalista no Brasil

Não tivemos um franco desenvolvimento como a Inglaterra, nem batalhas cruéis e sangrentas como na França. Nossa revolução é singular e merece especial atenção, pois



nem a Proclamação da Independência (1822) nem a Proclamação da República (1889) conseguiram fazer o Brasil entrar no ritmo da história.

O que prevaleceu, naquele momento de 1822, foi o passado, a continuidade colonial, o escravismo, o absolutismo. Durante o Império, o Brasil permaneceu mais ou menos lusitano. Roberto Schwarz⁴ analisa como se evidenciava a monstruosidade da escravidão na Declaração dos Direitos do Homem.

Vários outros estudos dedicaram-se a refletir sobre o que era o século XIX brasileiro e como ele estava deslocado e atrasado, quando comparado a países capitalistas mais desenvolvidos e a partir das potencialidades das forças sociais regionais e nacionais. Aproveitava-se dos ensinamentos liberais, positivistas, evolucionistas, darwinistas e outros, para estudar e explicar o que era e como poderia transformar a sociedade, a economia, a população, a cultura, o Estado, a nação. Eram evidentes o ecletismo, o anacronismo e o exotismo, se pensarmos nas convergências e nos desencontros entre as idéias e a realidade.

Levantam Herschmann e Pereira (1994)⁵ que, à medida que o fim do século se aproximava, nem o bacharel/burocrata (importante segmento intelectual da época), e nem a elite imperial já não conseguem levar a cabo a tarefa de acompanhar o ritmo do comércio mundial. A Abolição da Escravatura em 1888 e a proclamação da República em 1889 abriram caminho para construção de uma nova sociedade capaz de absorver novas idéias. O país ingressava no processo de construção de uma sociedade de tipo capitalista urbano-industrial. E já, neste momento, o mundo capitalista exigia um novo olhar: o mundo se dividia entre as nações imperialistas.

A palavra de ordem era “civilizar”, ficar em pé de igualdade com a Europa no que se referisse a cotidiano, economias, idéias liberais, instituições, etc. Por muito tempo, as idéias francesas, inglesas e americanas, variadamente liberais, chocaram-se contra a escravidão e seus defensores.

No entanto, importa-nos examinar a modernidade construída no Brasil a partir de 1930. E relevante, neste momento, seja falar do papel da elite intelectual.

⁴ SCWARTZ, Roberto. **Ao Vencedor as Batatas**. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2000.

⁵ HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder Pereira. **A Invenção do Brasil Moderno** – Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Os intelectuais de 25-40 esforçaram-se para romper com duas experiências que marcaram negativamente a história antecedente: sua dependência perante o Império e o isolamento no início do século XX. Muitos aderiram às campanhas abolicionistas e republicanas, mas, rapidamente, se desiludiram. Ao contrário do momento anterior que buscou identificação com a “civilizada” Europa, os anos 20-30 vão se caracterizar como o momento de busca de uma identidade nacional, calcada na afirmação da força nativa.

É a partir de 30 que se reinicia e multiplica o debate sobre a formação e as perspectivas da sociedade brasileira. Mas os prenúncios do Brasil moderno esbarram-se nas pesadas heranças de escravismo, autoritarismo, coronelismo e clientelismo e, o povo, enquanto coletividade de cidadãos, continua a ser uma “ficção”. Ou melhor, o Brasil moderno existe, mas como um caleidoscópio de muitas épocas⁶, formas de vida e trabalho, modos de ser e pensar, onde a todo instante é possível perceber as heranças do escravismo predominando sobre todas as demais.

Outro ponto importante de reflexão aqui é sobre a nossa burguesia: Ela só existe como expressão de interesses de setores sociais ligados à indústria, agricultura, comércio e banco. Esteve bastante presente nos tempos de populismo. Essa burguesia não se manteve, nem se mantém independente: “A burguesia nacional, tal como é ordinariamente conceituada, isto é, como força essencialmente antiimperialista e, por isso, progressista, não tem realidade no Brasil”⁷

É uma burguesia que não tem compromissos com a democracia reivindicada nas lutas das classes assalariadas. Não construiu nem constrói um projeto de cunho hegemônico, porque não interpreta os interesses das outras classes e muito menos da sociedade como um todo.

A Industrialização Brasileira

Nossa versão de revolução burguesa, abrindo novas perspectivas para o país, vai acabar debaixo do autoritarismo do Estado Novo, configurando definitivamente um

⁶ IANNI, Octávio. **A Idéia do Brasil Moderno**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

⁷ PRADO JR. C. Apud IANNI, ° *idem*, p.68.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

projeto de modernização autoritário. Uma “industrialização” muito diferente daquelas assumidas pelo mesmo processo na Inglaterra, Alemanha, outros países da Europa, nos Estados Unidos e no Japão.

A presença britânica pode ser notada não só na subordinação do capital, como também em investimentos diretos na indústria. A siderurgia moderna, instalada em meados do século XX, será implantada pelo Estado e pelo capital estrangeiro, ao contrário dos países hoje altamente industrializados onde as pequenas fábricas e médias empresas concentraram-se e cresceram para dar origem à grande empresa industrial moderna.

Afastando-se do liberalismo econômico, o Estado passou a atuar cada vez mais como regulador das diferentes atividades e definir um planejamento econômico.

A denominada revolução de 30 tem sido freqüentemente apontada como ponto de partida para uma série de mudanças que transformaram, ao longo das décadas seguintes, a nossa formação social agro-exportadora numa formação industrial dependente.

A implantação do Estado Novo, a 10 de novembro de 1937, acentuaria a intervenção do Estado. O Estado muda significativamente seu papel: ele passa a ser empresário, investidor e planejador⁸. Beneficiado pela ausência do legislativo, o Estado despenderia esforços no sentido de tornar seu intervencionismo mais consistente, intervindo diretamente nos setores da economia para os quais o capital privado não demonstrava disponibilidade. Este é o momento de nascimento da CSN/Volta Redonda.

Enfim, o decreto-lei nº. 3002, de 30 de janeiro de 1941, criava a Companhia Siderúrgica Nacional – que, junto à Fábrica Nacional de Motores, representam as primeiras incursões do Estado brasileira na esfera da produção - e autorizava sua construção em Volta Redonda.

O Estado Novo teve a nítida preocupação em fazer produzir um conjunto de princípios e idéias pelos quais se auto-interpretava e justificava seu papel na sociedade brasileira. Neste sentido, o Estado Novo possibilitaria ao homem brasileiro recuperar o tempo perdido e daria à nação sua verdadeira fisionomia.

⁸ MOREL, Regina Lúcia de Moraes. **A Ferro e Fogo – Construção e Crise da “Família Siderúrgica”: o caso de Volta Redonda (1941 –1988)** 1988. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A CSN, em especial, terá, com o DIP (Departamento de Propaganda Política), a poderosa agência de propaganda oficial e de comunicação de massas do Estado Novo, sua importância devidamente trabalhada. O novo Estado prescindia de um novo cidadão/trabalhador. O Estado estabeleceria o roteiro, unificando a moral, a política, as ordens jurídica e econômica. A sociedade passaria a se organizar e se desenvolver em função da permissão política. Volta Redonda vai concretizar o novo cidadão da nova democracia proposta pelo Estado Novo⁹. A C.S.N. era responsável por produzir um novo trabalhador, além de ser projetada como empresa exemplar para todo o país. O trabalhador de Volta Redonda era chamado à responsabilidade pelos destinos da nação.

Morel (1988)¹⁰ ressalta que a construção da “família siderúrgica” era mais do que do que uma forma de recrutamento, gestão e formação de sua força de trabalho, era, enfim, a tentativa de disciplinamento e domesticação da força do trabalho e extrapolava o espaço fabril, implicando intervenções também sobre a esfera familiar.

Construir a “família siderúrgica” foi um empreendimento de estratégias articuladas: de um lado, guiada pela preocupação de assegurar um mercado permanente de força de trabalho saudável e produtiva, a C.S.N. estabeleceu um conjunto de mecanismos e dispositivos disciplinares que terão como alvo a família operária; por outro lado, também estabeleceu mecanismos que, no espaço interno da fábrica, instaurassem regras, proibições e incitações a fim de assegurar a cooperação e o bom comportamento.

Criada para ser o símbolo do progresso nacional, Volta Redonda significava a superação do atraso, a modernização da sociedade através do trabalho que seria realizado sob novas relações sociais.

Novas dimensões do projeto nacionalista

⁹ OLIVEIRA, L.L.; VELLOSO, M.P.; GOMES, M.C. **Estado Novo: Ideologia e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

¹⁰ MOREL, R. L. de M.. *Op. cit.* p. 122.



E quando parecia tudo perfeito, o modelo da “família siderúrgica” mostra sua fragilidade e suas contradições: por um lado a Companhia se defronta com o redirecionamento do processo de industrialização do país, mudanças no processo de gestão e formação da força de trabalho na usina, por outro lado, o fim do Estado Novo e as contraditórias relações do Estado com os trabalhadores que fortalecem o movimento sindical.

A partir de 1956, com Juscelino Kubitschek consolida-se a fase da industrialização pesada que articula a grande empresa nacional com a empresa estrangeira. A setor siderúrgico será mais uma vez beneficiado com a expansão dos setores de bens duráveis e da indústria automobilística. O Plano de Metas definia a siderurgia como um dos setores prioritários, propondo investimentos diretos do governo no setor.

Volta Redonda vai ser o centro de atenção de diversos partidos políticos no pós-45 e desde as eleições para a Assembléia Constituinte em 1946 o debate político está presente. O movimento sindical brasileiro exibia, em 1964, um vigor e um grau de participação política jamais vivenciado pela sociedade brasileira. O golpe militar, no entanto, desmobilizou-o em seu nascedouro. O Sindicato dos Metalúrgicos sofreu intervenção em 1964, com a destituição e prisão de sua diretoria.

É com a aparecimento do chamado novo sindicalismo (1978) em âmbito nacional e a emergência do “Grupo de Oposição Sindical” (1979) que a situação começa a mudar. O “Grupo de Oposição” começa a pressionar abertamente a diretoria presidida por Lustosa- o interventor.¹¹

A Igreja Católica progressista também teve um papel importante no início do movimento, cedendo local de reunião, oferecendo apoio moral e material. Era nítida a participação do Bispo D. Waldyr Calheiros em prol do trabalhador.

Em 1988, surge em novembro a greve que vai se constituir num “marco histórico” em vários sentidos: a mais longa, sustentada desde o início pelo trabalho de organização do sindicato e um verdadeiro movimento de massa que terá seu desfecho praticamente na ação do exército.

¹¹ MANGABEIRA, W. **Os Dilemas do Novo Sindicalismo – Democracia e Política em Volta Redonda**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ANPOCS, 1993.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

O líder sindical, o metalúrgico José Juarez Antunes é eleito prefeito em 15 de novembro, assumindo a Prefeitura a partir de 01 de janeiro de 1989. No entanto, a cidade é surpreendida em 21 de fevereiro com sua morte num acidente de carro a caminho de Brasília. A comoção foi geral: de um lado o caminhão do sindicato falava em “assassinato”; de outro, a família de Juarez acusava o Secretário de Governo, Colombo Vieira, de fazer política em cima do corpo do extinto.

A greve iniciada em 07 de novembro só termina dia 24, mas constrói junto à morte de Juarez Antunes uma história de participação de massa jamais vista na cidade.

A morte de Juarez Antunes (1989) põe fim também ao conhecido “novo sindicalismo”. Assume um grupo que passa a defender a parceria e a privatização como saídas para o trabalhador.

Para eles, só a privatização salvaria a CSN da crise e devolveria a capacidade de investimento. A melhoria das condições de vida e de trabalho dos operários passou a depender da negociação direta entre empresa e sindicato. Por outro lado, defendiam também que, uma vez privatizada, a CSN poderia praticar uma política de preços menos dependente dos limites impostos pela política econômica do país.

A cidade, por sua vez, é assumida pelo vice-prefeito, Wanildo de Carvalho, que embora não fosse do PDT, aliou-se a Juarez Antunes e, com ele, se elegeu.

O período correspondente ao governo Wanildo será palco de diversas manchetes negativas sobre Volta Redonda nos principais jornais, o prefeito e seus assessores são acusados de corrupção e até envolvimento com o narcotráfico.

Em 1992, Volta Redonda chegou a mais um processo eleitoral. Assume a prefeitura o médico Paulo Baltazar numa coligação com os partidos de esquerda e em defesa do movimento contra a Privatização da CSN.

A privatização e as novas relações

A privatização, enfim, é um marco que dividiu as lideranças. A atitude em relação à privatização da CSN reordenou as correntes sindicais.

A comissão de desestatização marca para 22 de dezembro de 1992 a venda da CSN. Mais tarde, a data seria alterada para 5 de abril do ano seguinte e, apesar de



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

inúmeras tentativas de impedir a privatização, os contatos políticos entre o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Luiz de Oliveira Rodrigues, o presidente Itamar Franco, o presidente do Banerj, Antonio Carlos Brandão e o governador Leonel Brizola garantiram o processo, eliminando áreas de oposição e incertezas.

Apoiado pelo Prefeito Paulo César Balthazar, em 03 de outubro de 1996, o comerciante e ex-deputado estadual, Antonio Francisco Neto, é eleito com 55% dos votos. Constrói, junto à mídia e com claro apoio da CSN, a imagem de prefeito que mais obras e realizações fez desde a fundação da cidade. É reeleito em 2000 com quase 80% dos votos.

Do momento da privatização da usina até hoje, o que vemos, e por isso nos reportamos à imagem construída por Bauman (2001)¹², é fluidez. Assistimos a empresa se independe cada vez mais da cidade e do país.

O recurso do poder é mover-se leve e “não mais se aferrar a coisas vistas como atraentes por sua confiabilidade e solidez — isto é, por seu peso, substancialidade e capacidade de resistência”.¹³

O poder é cada vez mais escorregadio e fugidivo e o capital cada vez mais global:

“É preciso internacionalizar a companhia por duas razões básicas. Primeiro: a única maneira de diluir o risco Brasil, por se tratar de um país emergente, é ter ativos lá fora. Segundo: decorrência disso é que, com ativos no exterior, a alavancagem financeira para fazer investimentos, inclusive no Brasil, fica muito mais barata. Temos de disputar o mercado mundial de igual para igual e a partir disso tentar nos perpetuar. Esse é o desafio”.

(Benjamin Steinbruch, Revista Exame, 11 de julho de 2001).

Na mesma semana em que a empresa recebe o prêmio de Empresa do Ano de Melhores e Maiores de EXAME, 2001, três operários são mortos dentro da usina por

¹² BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

¹³ *Idem*, p. 21.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

acidente provocado possivelmente por vazamento de gás. Nenhum segmento social gritou, não pelo menos como já se acostumou ouvir. As redes sociais são desintegradas, inexistem as ações coletivas. Assistimos, assim, o significado adquirido pela mobilidade das pessoas que investem: “Livrar-se da responsabilidade pelas conseqüências é o ganho mais cobiçado e ansiado que a nova mobilidade propicia ao capital sem amarras locais, que flutua livremente”.¹⁴

Referências Bibliográficas:

BAUMAN, Zigmund. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 259p.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 360p.

ELHAJJI, Mohamed. **Globalização & Convergência – Da Semiose Hegemônica Ocidental**. 1999.341p. Tese (Doutorado em Comunicação) Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

EXAME. **O Brilho do Aço**. São Paulo: Editora Abril, edição 744, n. 14, julho de 2001.

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **A Invenção do Brasil Moderno – Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

IANNI, Octávio. **A Idéia do Brasil Moderno**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. 180 p.

MANGABEIRA, Wilma. **Os Dilemas do Novo Sindicalismo – Democracia e Política em Volta Redonda**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará:ANPOCS, 1993. 248 p.

MOREL, Regina Lúcia de Moraes. **A Ferro e Fogo – Construção e Crise da “Família Siderúrgica”**: o caso de Volta Redonda (1941 – 1988). 1088. 506 p.

¹⁴ *Ibidem*, p.26.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. **Estado Novo: Ideologia e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. 166p.

SCHWARZ, Roberto. **Ao Vencedor as Batatas**. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2000. 240 p.